

volume

19

Dezembro/2013

ISSN 1516-2095  
ICH - UFPel

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



# DEPRESSÃO E TRABALHO DOCENTE: REFLEXOS NA DINÂMICA ESCOLAR

Priscila dos Santos Peixoto<sup>1</sup>

---

**Resumo:** Os estudos sobre a depressão tem evidenciado um campo emergente de pesquisas. Segundo o Relatório de Saúde no Mundo de 2001, a depressão está em quarto lugar no ranque de doenças que proporcionam Anos de Vida para a Incapacidade (AVAI), e estima-se que até 2020 ocupe o segundo lugar, ficando atrás apenas das doenças cardíacas e isquêmicas. Nesse sentido, o ambiente escolar mostra-se propício para a manifestação de quadros depressivos entre os docentes, tanto pelas demandas de trabalho que acarretam um esgotamento do educador, quanto pelas frustrações da falta de reconhecimento e valorização do profissional da educação que é refletida, sobretudo, nos baixos salários. Entre 2009 e 2011, segundo dados estatísticos fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul- Brasil, do total de pedidos de afastamento de professores de Santa Maria por motivo de saúde, aproximadamente 30% dos laudos médicos referem-se a casos de saúde mental, principalmente depressão e síndrome do pânico. Dessa forma, a proposta da pesquisa etnográfica no ambiente escolar busca compreender quais consequências esses pedidos de afastamento por motivo de depressão, causam à dinâmica escolar. Tanto a questão administrativa da escola, quanto o processo de construção de uma identidade deteriorada das professoras com sofrimento psíquico, são elementos a serem analisados de forma que as estratégias etnográficas levem a compreender os reflexos do fenômeno da depressão na vida pessoal e profissional das docentes que atuam em Santa Maria.

**Palavras chave:** trabalho docente, depressão, escola

---

## Introdução

Refletir sobre a profissão docente e a educação básica dentro do contexto atual, requer uma análise mais aprofundada sobre a instituição em que o profissional da educação atua. A escola, aparentemente tem deixado a desejar em inúmeros aspectos, dentro das expectativas governamentais, das famílias e dos profissionais da educação. Fala-se muito em uma “crise” na educação e constantemente vemos emergir teorias educacionais e políticas públicas centradas no aperfeiçoamento do processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, nesse contexto, a profissão docente passa por um alargamento das exigências de sua atuação e cada vez mais acaba por negligenciar suas necessidades enquanto trabalhadores que necessitam de um mínimo de suporte, financeiro, tecnológico e de material humano para uma execução satisfatória de suas funções. Todas as críticas sobre a (falta) qualidade do ensino recaem sobre os professores, sobre suas práticas pedagógicas e sobre sua formação.

---

<sup>1</sup>Universidade Federal de Santa Maria, Licenciada e Bacharel em História pela UFSM; Especializanda em História do Brasil- UFSM e mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais- UFSM. E-mail: pripeixotors@yahoo.com.br

Diante de um quadro de constantes frustrações, vemos os índices de afastamentos dos professores da rede pública estadual por motivos de saúde mental crescendo nos últimos cinco anos em Santa Maria<sup>2</sup>. Entre os transtornos mentais citados, a depressão surge como uma grande preocupação do trabalhador docente. Seja pela carga horária excessiva de trabalho, as pressões das políticas públicas, baixos salários, seja pelo sentimento de frustração e incapacidade que acomete o professor da rede pública de ensino básico, a questão é que a depressão pode se tornar um fenômeno de distinção entre os professores e causadores de estigmas na profissão.

Nesse sentido, levando em consideração que a depressão se apresenta como um fenômeno social, uma vez que, segundo o Relatório de Saúde no Mundo de 2001, divulgado pela Organização Mundial da Saúde, a depressão está classificada em quarto lugar no ranque de doenças que ocasionam Anos de Vida para a Incapacidade (AVAI), sendo que a estimativa é de que até 2020 subirá para o posto de segundo lugar, perdendo apenas para doenças cardíacas e isquêmicas, é necessário pensar a escola dentro de um novo paradigma, assim como a sociedade que produz esse tipo de escola.

### **O trabalho docente no contexto escolar**

Os estudos de antropologia e educação aparecem como uma alternativa de análise da cultura escolar. Contudo, tais estudos ainda têm o foco nas relações de aprendizado e a diversidade presente nas categorias estudantis. O trabalho docente, enquanto um objeto para se pensar os processos de interações dos professores e as mediações simbólicas da profissão dos docentes, aparece timidamente nas pesquisas sobre educação. Segundo Wulf

Na sociedade atual, a maioria dos indivíduos encontra o sentido da existência na vida familiar e social, mas antes de tudo no trabalho. O trabalho satisfaz suas necessidades materiais e lhe fornece um reconhecimento social e pessoal.

O trabalho gera uma capacidade de performance, assegura a existência e permite ao indivíduo encontrar sua identidade e o sentido de sua vida. (1944, p.64-65)

O autor Alain Touraine, nos apresenta um novo paradigma para pensar a sociedade em que vivemos hoje, com a ascensão do sujeito enquanto indivíduo e as múltiplas identidades, ou possibilidades de experiências proporcionadas pelo individualismo. Assim, Touraine (2007) argumenta que, o que mobiliza a sociedade, não são mais os movimentos coletivos, mas sim a construção da vida individual, de um sujeito que se entende portador de direitos, sobretudo o direito de ser um indivíduo. O que corrobora na

---

<sup>2</sup>Dados fornecidos pelo projeto “devaneios do feminino: estudos históricos da loucura da mulher”, o qual, a autora era bolsista em 2011 e depois de graduada, em 2012 atuou como coordenadora auxiliar durante a visitação nas escolas estaduais, acompanhando os bolsistas.

fragmentação de identidades e em um indivíduo que se pretende ator/ sujeito de sua vida. Contudo, esse autor explica que a construção do sujeito individualizado não ocorre de forma homogênea e alheia aos processos de dominação. O importante é ressaltar que o discurso dominante infere que na sociedade não há atores, apenas vítimas, o que é um equívoco se pensarmos nas conquistas de liberdades proporcionadas pelas novas formas de movimentos sociais que se desenvolveram e habitam nossa vida cotidiana (p. 129).

Já Leandro Pinheiro (s/d), nos mostra que houve uma reconfiguração dos movimentos sociais nas últimas duas décadas. Segundo esse autor, os movimentos sociais anteriores tinham forte caráter político ideológico e comumente estavam ligados a Instituições, como é o caso dos grêmios estudantis. Hoje, o que mobiliza os jovens não são mais os movimentos e as reivindicações políticas, mas o pano de fundo de mobilização jovem está relacionada a aspectos culturais. Na escola, a diversidade de gostos musicais, modos de vestir e de manifestação da sexualidade, infere a construção de múltiplas identidades entre os jovens.

Podemos dizer que a escola perdeu a sua função de formatadora de um tipo homogêneo de estudantes. Hoje, o que ocorre na escola é a tentativa de uma educação que valorize as diferenças e que cada estudante seja visto como único, como um indivíduo entre tantos e não apenas mais um na categoria estudante. Já o professor, passa por um processo, conforme explica Goffman (1988), de reprodução de uma identidade deteriorada. Isso ocorre pelo contexto de desvalorização da profissão docente, há três décadas atrás<sup>3</sup>, ser professor era motivo de orgulho e distinção social, hoje a distinção é de forma pejorativa, pois a escolha da docência carrega o fantasma dos baixos salários e da incapacidade de exercer uma profissão “melhor”.

Nesse sentido, podemos elencar uma das primeiras contradições na escola. Enquanto os estudantes vivem uma cultura de valorização dos atributos individuais, de múltiplas identidades, os professores carregam uma identidade fechada, única, a qual está presente também em sua vida pessoal e social, pois a escolha de sua profissão é refletida nas relações de gênero na sua vida familiar, pela desigualdade salarial e na vida social, pois toda a sua vida fora da escola fica determinada pelas atividades da docência.

A formação de identidades fechadas, como as étnicas, religiosas ou profissionais, dificultam a produção de uma consciência de sujeito- ator, pois o indivíduo aparece diluído em uma identidade maior. Assim, para que se forme

---

<sup>3</sup>Afirmção de professores que participaram do projeto “Devaneios do Feminino”, que oportunizou as análises presentes neste artigo.

a consciência do sujeito, o Touraine (2007) elenca três componentes necessários:

Uma relação a si mesmo, ao ser individual, portador de direitos fundamentais o que marca uma ruptura em relação à referência a princípios universalistas;... o sujeito não se forma a não ser entrando em conflito com as forças dominantes que lhe negam o direito e a possibilidade de agir como sujeito;... cada um, enquanto sujeito, propõe certa concepção geral do indivíduo. (2007, p. 130)

Ou seja, o sujeito não se manifesta através da execução de papéis esperados e estabelecidos a priori, como o de bom trabalhador, bom pai ou boa mãe (p.131), mas sim nas tentativas de fugir e de se libertar de tais papéis. Mais além, o autor reflete sobre a sociedade contemporânea ser refém de uma ideologia do consumo, a qual, se utilizam de meios de comunicação para manipular e deformar o sujeito presente em cada indivíduo.

A partir do pensamento desse autor, podemos refletir sobre o papel dos professores na escola. Como já falado, o acúmulo de exigências sobre o professor sugere o desempenho de múltiplos papéis na escola. O professor tem que ser bom cuidador, tem que saber usar as novas tecnologias de ensino, estabelecer estratégias educacionais que atinjam um público variado, por etnia, classe social, gênero e necessidades especiais, além de criar uma forma de avaliação que contemple toda essa diversidade. Com essa carga, a identidade docente, que é “fechada”, oculta o ator social, o sujeito presente em cada professor.

O trabalho docente passa a ser um estigma perante a sociedade contemporânea, individualista que valoriza as pessoas que são bem sucedidas e as profissões que tem prestígio social. Ainda, segundo relatos de algumas docentes da rede pública estadual, os professores estão cada vez mais desmobilizados enquanto classe de trabalhadores, uma vez que as reivindicações feitas pelos sindicatos não tem total aceitação da classe. As lutas e as paralisações tem um público reduzido e as mobilizações são fomentadas mais por representantes dos sindicatos, do que pelos professores.

Entre 2011 e 2012, foi realizada uma pesquisa que analisou os documentos da Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul- Brasil, em busca de dados que pudessem evidenciar a qualidade de saúde dos professores. Da mesma forma, a 8ª Coordenadoria de Educação indicou cinco escolas estaduais, situadas em diferentes contextos socioeconômicos e culturais para que os pesquisadores pudessem fazer uma observação e estabelecer diálogos com os docentes a fim de comparar os dados oficiais com a realidade do cotidiano escolar.

Tais dados, que analisaram o período de 2009 à 2012 indicaram que do total de pedidos de afastamento de professores de Santa Maria por motivo de saúde, aproximadamente 30% dos laudos médicos em cada ano, referem-se a

casos de saúde mental, principalmente depressão e síndrome do pânico. Os demais laudos médicos relacionam-se com doenças específicas como câncer, artrite, tendinite, licença gestante e para tratamento de familiar. Observou-se também, que as solicitações de afastamentos se intensificam no início do ano letivo e ao final do trimestre, próximo as avaliações no meio do ano e depois em dezembro, antecedendo as férias escolares.

Nas visitas de observação a cinco escolas públicas de Santa Maria, foi observado que as professoras (mulheres correspondem a 95% do corpo docente das escolas visitadas) tendem a exercer comportamentos semelhantes, o mesmo tipo de vestimenta, postura corporal e até mesmo, são acometidas pelos mesmos tipos de doenças, como tendinite, artrite e afonia. Poderia se dizer que o exercício da profissão docente infere características corporais e culturais nas professoras, sendo critérios de identificação até mesmo fora do ambiente escolar.

A profissão docente é tão impactante na vida das docentes observadas, que até mesmo na sua intimidade tendem a reproduzir um comportamento esperado na escola. Conforme o relato do diário de campo da pesquisadora

Nessa escola, que se localiza em uma região de grandes desigualdades sociais, o relato das professoras é que a violência faz parte do cotidiano dos alunos e elas acabaram se adaptando a essa realidade. Vestem-se de forma muito simples, todas são muito parecidas na maneira de vestir, nos corte do cabelo e na entonação da voz. Quando questionadas sobre as motivações da escolha da profissão, com um olhar nostálgico algumas responderam ter sido o sonho desde criança, pois tiveram uma pessoa na família- um professor que serviu de exemplo, ou uma professora muito querida por todos. Pensaram que teriam o mesmo tipo de reconhecimento e valorização que viam quando crianças. Uma professora relatou que o pai professor era convidado pelas famílias dos alunos para almoços nos domingos, inclusive o professor foi chamado uma vez para “encomendar um corpo” na ausência do padre na paróquia, tamanho era o prestígio desse profissional. Hoje, todas parecem decepcionadas pela falta de prestígio e pelas cobranças feitas a elas, sobretudo de cunho moral. Outra professora relatou que fica constrangida quando encontra um aluno em situações de lazer dela, como um bar por exemplo. Ela receia ser vista consumindo bebidas alcoólicas. Outra ainda relata que quando o namorado vai deixa-la na escola, caso tenha algum aluno na frente da escola, ela pede que o namorado estacione o carro a algumas quadras abaixo, para que os alunos não vejam se despedir do namorado. Outra professora ainda brincou: até parece que somos “assexuadas” e que vivemos em função da escola, pelo menos é isso que pensam nossos alunos e é a imagem que não conseguimos nos libertar. (diário de campo, junho de 2012)

Percebe-se aí, uma dificuldade de libertação dos papéis que lhe são atribuídos e até mesmo uma incapacidade aparente de manifestação de uma consciência de sujeito, uma vez que os papeis de docente, mãe e esposa se mesclam e determinam as ações dessas mulheres. Essa transposição de identidades acaba por causar frustrações também nos aspectos familiares e

peçoais, uma vez que os papeis de esposa, mãe e professora se sobrepõem ao de mulher e sujeita.

A questão a ser pensada é justamente o tipo de escola que temos e o contraste com a formação de professores. Perez (2001), diz que

A escola e o sistema educativo em seu conjunto podem ser entendidos como uma instância de mediação entre os significados, os sentimentos e as condutas da comunidade social e o desenvolvimento particular das novas gerações. (p.11)

Já Touraine (2007), coloca que a escola deve ser um lugar de formação de atores sociais e, mais profundamente ainda, de sujeitos pessoais. (p.153), ou seja, as questões entendidas como do universo privado, devem ser discutidas na escola com o intuito de uma preparação para vida, além da preparação profissional e o exercício da cidadania.

Ao analisarmos os parâmetros curriculares nacionais, percebemos que a iniciativa do governo federal se encaminha nessa mesma direção, porém, na prática a escola tem uma visão muito arcaica e contraditória de como a escola deve contribuir na formação dos estudantes. Num momento em que mais se fala de diversidade e respeito às diferenças no interior na escola, é paradoxal pensar em um estabelecimento que visa um fim único e homogêneo a seus alunos, a preparação para o vestibular. O que leva a uma formatação homogênea da grade curricular para atender as demandas de conteúdos solicitados pelos vestibulares, negligenciando os estudantes que não compartilham do mesmo objetivo ou das mesmas condições de acesso ao ensino superior.

Talvez o grande paradigma da escola, é questiona-la como uma instituição ou não, a exemplo do que Dubet (1994) propõe. O tipo de prática pedagógica presente na escola é de uma Instituição escolar com objetivos e projetos educativos claramente definidos, para um público homogêneo e realizadas também por professores homogêneos e firmemente controlados pela Instituição (p.173). Em uma escola instituição, os valores são reproduzidos conforme as expectativas das classes sociais presentes em cada escola, ou seja, segundo a ótica de reprodução, a escola prepara um filho de médico para ser médico e um filho de um trabalhador operário para ser operário.

Já a escola contemporânea, proporcionou uma maior massificação ou democratização do acesso ao ensino, sob a pretensão de dar acesso igualitário a toda sociedade, acaba produzindo suas próprias desigualdades (p.175) e é tão exclusiva e seletiva como a escola de três décadas atrás. Em suma, por mais que se pense em uma educação mais libertária, com sentido real na vida dos estudantes, preparando-os para uma vida ativa e crítica, na prática, a escola é presa às amarras do conservadorismo e as mazelas do Estado e do mercado de trabalho. Como coloca Gusmão (1999)

A escola não se coloca para aqueles que dela já foram excluídos. O processo de alfabetização, transfigura-se em compreensão (e caridade), quase um privilégio concedido. Nessa postura revela-se a “não- escola”, o “não-ensino”, destinado aos excluídos no interior da própria escola. Uma “não-escola” que serve para criar a sensação de que está diminuindo as desigualdades sociais. (p.62)

Não há um consenso sobre como educar perante uma desigualdade social tão grande e, por mais que as políticas públicas sejam inovadoras, as práticas pedagógicas ainda atendem uma escola que visa a reprodução. Dessa forma, as professoras estão fadadas ao fracasso, uma vez que sua prática é vista como arcaica e lhe são atribuídas cada vez mais exigências de formação continuada e tecnológica para suprir sua “deficitária” formação inicial. Ainda, quando propõem uma didática mais avançada, com conteúdos significativos, são cobradas a seguir o conteúdo programático exigido pela escola, fundamentados nas diretrizes governamentais. Em outra escola visitada uma professora foi enfática ao dizer que, a Universidade esta sempre pronta para criticar o papel dos professores, criticando suas práticas pedagógicas, mas nunca sugerem uma metodologia eficaz para o cotidiano escolar. Ela afirma, “nos criticam por usar o quadro e o giz, por sermos “tradicionais”, mas aqui na escola o que funciona é o tradicional, o que temos a disposição é o tradicional, o tradicional é bom, é eficaz”.

Como visto, não há consenso sobre como exercer a profissão docente a contento. Nessa lógica, aliada a rotina escolar e a relação aluno- professor, as docentes tem sua ação cada vez mais limitada. Em hipótese, podemos pensar nesse contexto como propício para o desenvolvimento de um quadro depressivo. Porém, devido ao processo de medicalização da vida que nossa sociedade vive, a facilidade de acesso a diagnóstico, percebe-se também a utilização do diagnóstico de depressão como forma de abandono da sala de aula. Além dos índices de afastamentos por depressão, fazemos referência também aos pedidos de delimitação de função, ou seja, professores que criam uma aversão ao trabalho em sala de aula e solicitam transferência de função e passam a ser bibliotecários, monitores e ou passam a exercer cargos administrativos, como coordenação pedagógica, diretoria e vice- diretoria. As escolas pesquisadas não apresentavam altos índices de afastamento por depressão, da mesma maneira que as professoras foram resistentes em falar do assunto. Algumas docentes estavam visivelmente esgotadas, frustradas, mas não percebiam ou não queriam admitir seu adoecimento. Faziam comentários sobre pessoas conhecidas em suas vidas sociais que sofriam de depressão, mas não faziam referência a essa doença na escola, como se fosse um tabu falar sobre o adoecimento mental.

As pressões no ambiente escolar são as mesmas que encontramos na sociedade em geral, severas desigualdades, intolerância com a diferença étnica, religiosa, de condição sexual, enfim, a escola serve como um pequeno recorte

para entender como essa diversidade cultural e social interage num contexto que produção de sujeitos. Porém, se pensarmos pela ótica do gênero<sup>4</sup>, mais especificamente compreendendo que majoritariamente temos mulheres exercendo a função de docentes do ensino básico público, e as dificuldades já citadas sobre essas mulheres se libertarem das identidades e dos papéis que lhe foram atribuídos, seria um indício de que essas mulheres são vítimas de uma dominação que mascara a percepção de sua condição e identidade de mulher?

Mesmo que as questões de identidade sejam discutidas por Touraine, e vistas como negativas no processo de consciência do sujeito e produção do ator social, em sua obra “O mundo das mulheres” (2007) o autor parece fazer uma exceção em relação a identidade de mulher. Ao discorrer sobre sua pesquisa realizada com mulheres francesas, ele traz a crítica das diferentes correntes teóricas que abordam o tema do feminismo, gênero e sexualidade.

As críticas quanto o feminismo vem ao encontro das lutas dessas mulheres pela conquista de direitos, reconhecido hoje pelas mulheres atuais, mas que o autor se baseia no princípio da igualdade, dizendo ser essa igualdade relativa, uma vez que é a mulher branca heterossexual que busca a igualdade de direitos com o homem também branco, heterossexual e classe média. As questões de classe, etnia e homo/transsexualidade não são contempladas nessa corrente.

Da mesma forma, as correntes que estudam as questões de gênero também negligenciam essas categorias e permanecem em discussões duais, sobre público e privado, natureza e cultura, homem e mulher. O grupo de feministas americanas (Queer), cujo Judit Butler é uma das lideranças faz todas as críticas citadas e, centradas nas discussões sobre transgêneros e sexualidade, propõe a abolição total das identidades centradas na questão sexual, ou seja, radicalizam que até mesmo o sexo é uma criação cultural e não biológica, vendo os transgêneros como comprovação de que o gênero antecede o a biologia, renunciando a todo tipo de identidade.

A partir desses argumentos, Touraine (2007) compartilha das críticas proferidas pelas feministas americanas, com exceção da que diz respeito ao fim das identidades, uma vez que sua pesquisa evidenciou que as mulheres passam a se identificarem como “mulheres”, para além dos demais papéis sociais desempenhados, mãe, esposa, profissional. Enfim, Touraine, mesmo afirmando que as identidades diluem o indivíduo, no caso das mulheres ele vê

---

<sup>4</sup>A depressão também pode ser analisada pela ótica do gênero, uma vez que segundo os dados da Organização Mundial da Saúde (2001), as mulheres estão sujeitas a desenvolverem quadros de depressão mais que os homens, enquanto o consumo de substâncias (álcool, psicoativos) é maior entre o sexo masculino.

essa identificação positiva para o processo de construção do ator na sociedade pós-industrial.

Já no que tange ao processo de construção de sujeito para o universo docente, percebemos uma força de dominação que deteriora a identidade de mulher nas professoras. A sociedade pós industrial, além de produzir o individualismo, produziu também uma sociedade que medicaliza a vida e que indica patologias em empreendimentos frustrados da vida pessoal e profissional. A depressão pode ser entendida um fenômeno social pós industrial e um empecilho para construção do sujeito e ator social. Mas em relação a escola, ainda permanece a dúvida se de fato a depressão é resultado das pressões do cotidiano e uma patologia que paira sobre a profissão docente ou, um recurso estratégico para o afastamento da rotina escolar.

### **Conclusão**

Esse artigo propôs uma sintética discussão sobre a questão do adoecimento mental das professoras da rede pública estadual de educação do Rio Grande do Sul. O projeto que possibilitou essa pesquisa foi desenvolvido durante a graduação da autora.

Contudo, as escolas estaduais estão cada vez mais resistentes a aceitar pesquisadores no ambiente escolar, alegando que estão frustradas com tantas críticas sobre o profissional da educação. Essa resistência das escolas estaduais pode ser compreendida pela delicadeza do tema proposto. Criticar as práticas pedagógicas é criticar o profissional da educação, mas pesquisar sobre sua saúde, desencadeia uma auto-avaliação enquanto pessoa, ou pode trazer a tona estigmas encobertos. De fato, a depressão é um fenômeno social e a escola, como um recorte da sociedade tem sua parcela de adoecimento.

Os índices representam apenas uma parcela desse adoecimento, mas é no convívio escolar que os elementos de análise possibilitaram traçar um perfil desse adoecimento e quem sabe projetar como as categorias de gênero, trabalho, estigma, adoecimento interagem na trajetória docente.

**Referências Bibliográficas**

- BOURDIEU, Pierre. **A Reprodução - elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Lisboa: Editorial Vega, 1978.
- DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LC, 1988.
- GUSMÃO, Neusa M.M. de. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. In Dossiê de Antropologia da Educação. **Educação** vol 34, nº1, jan/abr. 2009.
- Organização Mundial da Saúde. **Relatório sobre a Saúde no Mundo**: Saúde mental: nova concepção, nova esperança, 2001.
- PEREZ GOMEZ, A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: ARMED, 2001.
- PINHEIRO, Leandro R. **Dos sujeitos e suas práticas, dos espaços de ação e suas identidades**: para problematizar trajetórias em Hip Hop e Ecosol. (s/d), disponível em pdf.
- TOURAINÉ, Alain. **O Mundo das Mulheres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo de hoje. 3ª Ed- Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- WULF, Cristoph. **Antropologia da educação**. Campinas: Alínea, 2005.

---

**Abstract:** Studies on depression has shown an emerging field of research. According to the World Health Report 2001, depression is fourth in the rankings of diseases that provide life years for disability (DALYs), and it is estimated that by 2020 occupy second place, behind only heart diseases and ischemic. In this sense, the school environment proves conducive to the manifestation of depression among teachers, both by work demands that cause a depletion of the educator, as the frustrations of the lack of recognition and appreciation of the professional education that is reflected mainly in wages. Between 2009 and 2011, according to statistics provided by the state Department of Education of Rio Grande do Sul, Brazil, the total order of removal of teachers from Santa Maria for health reasons, approximately 30% of medical reports refer to cases mental health, depression and panic disorder. Thus, the proposal of ethnographic research in the school seeks to understand what consequences these requests for removal due to depression, causing the school dynamics. Both the school administrative matter, as the process of constructing an identity deteriorated the teachers with psychological distress, are elements to be analyzed so that the ethnographic strategies lead to understand the consequences of the phenomenon of depression in personal and professional life of teachers who work in Santa Maria.

**Keywords:** teaching, depression, school

---